

**NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: ESCRITAS DE SI NO ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS” DE AUTORIA DE JOSUÉ DE CASTRO.**

Helder Remigio de Amorim

(PPGH-UNICAP)

helder.remigio@unicap.br

**Resumo:**

Este trabalho se propõe analisar as narrativas produzidas por Josué de Castro sobre o Recife, procurando compreender quais foram as problemáticas, as cartografias e representações da cidade em sua obra. Nesse sentido, a produção intelectual e a trajetória do autor serão estudadas concomitantemente, possibilitando analisar o pensamento, as reflexões e as problematizações de Josué de Castro em torno da questão da cidade. Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 no Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, geógrafo, deputado federal, embaixador e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. Apesar de uma parcela significativa dos estudos de Josué de Castro terem se voltado para compreensão do fenômeno da fome no mundo, a preocupação com a cidade do Recife esteve presente em sua obra. As narrativas sobre o cotidiano das camadas populares, os costumes, a geografia, a espacialidade, as desigualdades sociais e principalmente os modos de viver e sentir a cidade se apresentam em vários dos seus escritos. Nesse momento, iremos analisar as dimensões da memória e da escrita de si em seu único romance intitulado *Homens e Caranguejos* publicado no Brasil e na França 1967. A publicação em língua francesa, possibilitou que obra tivesse uma circulação significativa em toda a Europa. O livro narra a história de uma família de retirantes que migra da planície avermelhada da seca do sertão para viver nos manguezais do Recife, em uma comunidade chamada Aldeia Teimosa. A importância de analisar esse romance como uma escrita de si, que rememora vivências, pensamentos e produz uma crítica contundente as elites do Nordeste do Brasil e ao modelo de cidade amparado nas desigualdades sociais se faz imprescindível. Desse modo, este trabalho tem como intento apresentar novas possibilidades de interpretação das narrativas produzidas sobre o Recife a partir dos escritos de Josué de Castro.

**Palavras-chave:** Josué de Castro; Cidade; Representação

O presente trabalho analisou as representações produzidas sobre a cidade do Recife a partir do romance *Homens e Caranguejos* (1966). Estudar uma cidade não é simplesmente analisar as linhas tênues das construções arquitetônicas, não se constitui

em apenas investigar as fontes documentais com auxílios teóricos e metodológicos. Deve-se inserir em uma discussão historiográfica, que direciona a compreender a cidade de forma ambivalente, pois, do mesmo modo que a cidade é representação, também produz representações de si mesma.

Estudar uma cidade consiste também em transitar entre os limites do visível, do invisível, do dito e do não dito, observando a documentação como indício dos percursos e obras de intelectuais que por meio dos seus escritos produziram imagens da cidade. Nesse sentido, “falar de uma cidade é, sobretudo, narrar histórias partidas, em que os diversos fragmentos da vida de seus habitantes aparecem como inscrições do tempo nos espaços vividos” (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 144).

O Recife representado por Josué de Castro partiu de uma linha interpretativa mais inclinada a relacionar as desigualdades sociais que vigoravam entre os indivíduos e as marcantes diferenças existentes nas formas de apropriação da riqueza social (ARRAIS, 2004, p. 48). Nesse sentido, a produção intelectual e a trajetória do autor devem ser pensadas concomitantemente, possibilitando analisar o pensamento, as reflexões e as problematizações de Josué de Castro em torno de uma cidade construída pelas palavras.

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 no Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, geógrafo, deputado federal, embaixador e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. A sua obra, traduzida em 25 idiomas ganhou repercussão internacional, principalmente quando publicou *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951), livros que circularam com destaque em tempos de Guerra Fria tanto nos Estados Unidos da América como na União Soviética. Apesar dos estudos de Josué de Castro terem se voltado para compreensão do fenômeno da fome no mundo, a preocupação com a cidade do Recife esteve presente em sua obra. As narrativas sobre o cotidiano das camadas populares, os costumes, a geografia, a espacialidade, as desigualdades sociais e principalmente os modos de viver e sentir a cidade se apresentam em vários dos seus escritos.

Em 1929, formou-se em Medicina em 1929 quando retornou para o Recife e passou a trabalhar em uma fábrica nos anos 1930. Após essa experiência, produziu um estudo intitulado *As condições de Vida das Classes Operárias do Recife* que obteve repercussão nacional. O Recife daquele tempo era uma cidade marcada pelos processos de modernização (REZENDE, 1997). Naquele momento, o Recife já era uma cidade pólo, referência de passagem para trabalhadores sazonais, comerciantes e para aqueles que procuravam centros médicos para algumas doenças, bem como um importante centro de saber. A Faculdade de Direito do Recife era um núcleo importante de debates intelectuais na região. Era também o Recife dos mocambos, onde uma parcela significativa do trabalhadores, e aqueles que não estavam integrados a vida urbana organizada sobreviviam.

Quando Josué de Castro, publicou *Documentário Nordeste* na década de 1930, já demonstra consciência sobre as desigualdades sociais do Recife. Em um trecho da obra afirma: “O Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de fôlhas de flandres” (CASTRO, 1957, p. 21). Para Josué de Castro, o retorno ao Recife significou a oportunidade de desenvolver pesquisas e formular teorias sobre temas que iriam acompanhá-lo ao longo da sua trajetória intelectual.

Porém o foco deste artigo é o romance *Homens e Caranguejos* (1966) que é analisado como uma “escrita de si”, pois aborda lembranças de suas vivências, memórias e pensamentos, bem como as críticas realizadas as elites do Nordeste do Brasil e ao modelo de cidade amparado nas desigualdades sociais se faz imprescindível. Josué de Castro construiu um modo diferenciado de abordar à história da cidade do Recife, em seu único romance problematiza as questões sociais que ainda marcam os indivíduos dessa sociedade no presente. As narrativas sobre o cotidiano das camadas populares, os costumes, a geografia, a espacialidade, as desigualdades sociais e principalmente os modos de se viver e sentir a cidade se apresenta em seus escritos. Porém, se faz necessário articular a trajetória do autor durante a década de 1960 com o momento em que a obra *Homens e Caranguejos* foi publicada.

## **Antecedentes**

Ainda na década de 1950, Josué de Castro teve uma significativa atuação enquanto deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Em seu mandato defendeu a criação de uma reserva de alimentos no Brasil para os momentos de crise, a desapropriação de terras por interesse social, além de um plano nacional de alimentação e de merenda escolar. Destaca-se ainda a sua preocupação com a reforma agrária e a aproximação com os movimentos de trabalhadores rurais, especialmente com as Ligas Camponesas. Josué de Castro participou dos debates que criaram a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e combateu enfaticamente o modelo de desenvolvimento adotado pelo governo de Juscelino Kubistchek. (AMORIM, 2016, p. 20)

Durante toda a década de 1950 a incipiente democracia brasileira esteve à prova. Mas foi no dia 1º de abril de 1964 que um golpe civil-militar atingiu um governo legalmente constituído pelo Presidente João Goulart. Aquela ruptura do sistema democrático foi edificada por diversos setores da sociedade brasileira, constituindo uma aliança ampla e diversificada, composta por empresários, setores da grande imprensa, proprietários rurais, movimentos religiosos (católicos e protestantes) e também por líderes políticos. O discurso que uniu esses grupos sociais foi o temor em relação às reformas de base propostas pelo governo de João Goulart que, caso tivessem sido implementadas, representariam a possibilidade do país de construir um novo modelo de desenvolvimento. Por outro lado, os discursos de combate ao comunismo e ao —mar de lama da corrupção, foram fundamentais para a composição dessa aliança. A historiografia aponta a influência direta do governo norte-americano no golpe civil-militar de 1964 como parte de uma política externa de combate ao comunismo na América Latina.

Os Estados Unidos interferiram na conspiração e no desenrolar dos acontecimentos, principalmente através da "Operação Brother Sam" que daria apoio aos militares golpistas, caso enfrentassem resistência por parte das forças leais ao Presidente João Goulart. A resistência das esquerdas não aconteceu. João Goulart e as forças progressistas saíram de cena. Como afirmou Daniel Aarão Reis: o golpe civil-militar de 1964 não significou apenas a derrota de um governo ou de uma liderança, mas sim, de uma cultura política. Naquele momento, interrompeu-se —uma experiência histórica.

Líderes sindicais, políticos e militantes de esquerda seriam alvo de prisões, torturas e assassinatos. Alguns dias após o golpe, o novo regime por meio do —Comando supremo da Revolução— outorgou o Ato Institucional Nº 1, determinou cassação dos mandatos legislativos e de servidores públicos e a suspensão dos direitos políticos por dez anos daqueles que eram considerados uma ameaça à segurança nacional. Além disso, convocou eleições indiretas para presidente da República. Entre os cassados, estavam personalidades importantes da vida política nacional como o presidente João Goulart, o governador de Pernambuco Miguel Arraes, os líderes comunistas Luís Carlos Prestes e Gregório Bezerra, o deputado federal Francisco Julião e de intelectuais como Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré e Josué de Castro, de quem trato especificamente.

O nome de Josué de Castro esteve entre os primeiros quarenta intelectuais, políticos, professores, funcionários públicos, cassados pela ditadura civil-militar que paulatinamente foi sendo edificada. Ao contrário de outros exilados políticos que deixaram o país com o golpe de 1964, Josué de Castro já vivia fora do Brasil e não pôde mais retornar. Durante o governo Goulart, Josué de Castro fora nomeado como Embaixador do Brasil para assuntos ligados a ONU, em Genebra, função que exerceu entre 1962 a 1964. Nesse sentido, vários países lhe ofereceram asilo político, tendo escolhido a França para viver.

A imprensa francesa registrou a chegada de Josué de Castro   Paris. No dia 23 de abril de 1964 o jornal *Le Monde* veiculou uma reportagem com o seguinte título: —Privado dos seus direitos políticos no Brasil, o senhor Josué de Castro se estabeleceu em Paris. A matéria traz uma breve biografia do asilado político, destacando o seu livro *Geografia da Fome*, e a atividade como embaixador do Brasil. Em um trecho da reportagem Josué de Castro afirmou: —Eu não hesitei em me fixar por um momento em Paris, onde fui convidado para dirigir o Centro Internacional para o Desenvolvimento, a fundação que irá cooperar para o desenvolvimento do terceiro mundo. Na década de 1960 o debate em torno do terceiro mundo, da independência dos países africanos, e de uma alternativa em relação ao imperialismo das grandes potências estava presente no grupo de políticos e intelectuais que formavam o CID<sup>1</sup>. A fala de Josué de Castro também traz

---

<sup>1</sup> Josué de Castro foi um dos fundadores desse Centro e o presidiu até 1973. —Em 1962 um grupo de eminentes personalidades de renome internacional, resolveram criar uma organização internacional, não

a impressão de que a crise política do Brasil provavelmente seria momentânea. Ao viver o exílio em Paris, realizou atividades acadêmicas em universidades como Sorbonne e Vincennes e na presidência do CID. Para compreender esse homem múltiplo, se faz necessário realizar análises documentais para a construção de Castro.

No combate a fome no mundo Josué de Castro pôde transcender as amarras da escuridão do presente e interpretar as trevas do agora. Josué de Castro, a partir da experiência vivida, sinalizou os meandros do tempo da sociedade em que viveu. A sua inserção nos debates contemporâneos, bem como a aproximação com os movimentos sociais, fazem parte de uma postura de muitos intelectuais da sua geração, que operavam com a perspectiva de que eram sujeitos da própria história e que poderiam inferir mudanças nas estruturas da sociedade. Josué de Castro, intelectual relevante do pensamento social brasileiro teve, porém, suas obras proibidas de serem reeditadas após o AI-5 em 1968. Em contrapartida, foram utilizadas como leituras por militantes de grupos de esquerda que lutaram contra a ditadura civil-militar no Brasil. Esse fato dificultou uma circulação mais ampla da produção de Josué de Castro durante os vinte um anos de ditadura. Somente no período de redemocratização, paulatinamente as suas obras passaram a ter novamente um lugar nas universidades brasileiras.

## **O Romance**

Em 1966, Josué de Castro lança o seu primeiro e único romance intitulado *Homens e Caranguejos*. A obra foi publicada em nove idiomas: polonês, sueco, húngaro, espanhol, francês, italiano, norueguês, inglês e português de Portugal. Em suma, teve uma circulação significativa em toda Europa. (AMORIM, 2016, p. 241).

Em 1967, ocorreu o lançamento do romance no Brasil pela Editora Brasiliense, mas os periódicos não comentavam a repercussão com tanta intensidade pela razão da ditadura civil-militar ainda estar ativa no país. *Homens e Caranguejos* narra à história de João Paulo e sua família que migram do sertão para a área de manguezais do Recife.

---

governamental, sem fins lucrativos (...): esta denominação chamou-se Centro Internacional para o Desenvolvimento – C.I.D. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ, Pasta 118. 28

No que concerne a coleta de materiais, iniciamos a pesquisa analisando as duas edições do romance *Homens e Caranguejos*, publicadas no Brasil. A primeira edição de 1967, publicada durante a ditadura civil-militar e a segunda edição publicada em 2001. A partir da análise da obra, foi possível verificar a diferença entre as publicações. A primeira foi elaborada pelo arquiteto Arnaldo Martino (composta por tonalidades em roxo com amarelo e por um desenho que representa um homem). A edição de 2001, já é preta com a sombra de um caranguejo, que foi idealizada pela designer Evelyn Grumach com detalhe da pintura de Albert Eckhout (pintor e desenhista holandês, que esteve no Brasil na comitiva de Nassau no período da invasão holandesa), Índio Tupi que se assemelha a anfíbio na lama do mangue.

Ao longo do prefácio é possível identificar memórias vividas por Josué de Castro “escritas de si”, onde o indivíduo irá assumir um lugar de reflexão sobre sua própria história e ao mundo em seu redor e que atualmente podemos analisar o que permanece e o que desapareceu no nosso cotidiano.

Ao longo do romance pode-se observar as distinções entre as classes sociais. Em uma das cenas narradas a personagem dona Idalina conta para João Paulo que seu neto Carlindo se dirige aos lixos das casas mais ricas em busca por sobras de alimentos. Idalina sonhava em engordar o um precioso porco para no mês de dezembro conseguir vender por um bom dinheiro, para comprar uma roupa e um par de sapatos para Carlindo fazer a sua primeira comunhão. Todas essas histórias do romance têm como cenário apresentado à relação entre o homem, o caranguejo e o mangue.

O *Diário de Pernambuco* retrata a notícia da publicação de *Homens e Caranguejos*, e descreve que Josué de Castro é um grande cientista, pernambucano e autor da obra preferentemente comentada em todo o mundo e que foi traduzida em mais de 25 idiomas (*Geografia da Fome*). No primeiro momento retrata do recebimento do livro da Livraria Martins Editora, em comemoração aos 30 anos de existência, dos autógrafos apresentados na obra e quem trabalhou ao longo dos anos de 1926 a 1966. Mas é importante lembrar que *Homens e Caranguejos*<sup>2</sup>, foi publicado em 1966 no Brasil e na

---

<sup>2</sup> O livro *Homens e Caranguejos* foi adaptado na França para o teatro pelo poeta e dramaturgo Gabriel Cousin (1918-2010) sob título de *Les Cycle des Crabes*. O texto da peça teatral foi publicado no livro: COUSIN, Gabriel. *Le Cycle du crabe ou Les aventures de Ze-Luis: Maria et leurs fils João, fuyant la famine du sertão pour venir s'enliser dans le bidonville de Recife*. Paris: Editions: Gallimard, 1969. Fonte: BNF - 8-Y-3589 (2).

França e que teve uma circulação significativa em toda a Europa. Entre outras histórias, o livro narra a travessia de uma família de retirantes que migra da planície avermelhada da seca do sertão para viver nos manguezais do Recife, em uma comunidade chamada Aldeia Teimosa.

É importante pensar *Homens e Caranguejos* como uma — escrita de si, que rememora vivências, pensamentos e produz uma crítica contundente as elites do Nordeste do Brasil. O último capítulo do livro, o autor narra um acontecimento significativo na vida dos moradores da Aldeia Teimosa, uma comunidade da periferia da cidade do Recife. Homens corriam de um lado para o outro afirmando que uma revolução estava em curso. Na cidade, o pânico era generalizado. Comerciantes fechavam as portas e o batalhão da Polícia Militar marchava para sufocar uma revolução organizada pela união entre sargentos, operários e camponeses, que estavam dispostos a morrerem para se libertarem da fome.

Em meio aos estrondos dos canhões e tiros do conflito, o personagem central da obra, o menino João Paulo, desaparece misteriosamente. Logo a comunidade de Aldeia Teimosa inicia a busca por João Paulo e toma conhecimento de que a revolução havia fracassado. Josué de Castro finaliza o romance com o seguinte trecho: —E sobre toda a paisagem do mangue estende-se agora um lençol de sombra, recobrando todos os corpos mortos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado nos mangues deve estar João Paulo que, com a sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o ciclo do caranguejo. Nesse romance, Josué de Castro faz uma alusão ao Brasil que foi perdido, aos sonhos interrompidos da sua geração e também ao que poderia ter sido se não houvesse uma —pedra no meio do caminho. O que nos resta quando estamos imersos sob os signos do fracasso, quando não temos horizontes de expectativa? O único caminho possível é recuperar o imaginário histórico de lutas políticas para não desaparecermos como aconteceu com João Paulo e com Josué de Castro.

### Referências Bibliográficas

AMORIM, Helder Remigio de. *Um pedaço incomensurável: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em História) Recife: UFPE, 2016.

ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, PIERRE. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BURKE, Peter. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- CASTRO, Josué de. Documentário Nordeste. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_, Josué de. Geografia da Fome. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.
- \_\_\_\_\_, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- \_\_\_\_\_, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_, Josué de. *Um ensaio de geografia urbana: a cidade do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.
- \_\_\_\_\_, Josué. *As condições de Vida das Classes Operárias do Recife*. In: Documentário Nordeste. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas-SP: Papyrus, 2006.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memória e Práticas Culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.
- REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.